

História das Mulheres na Amazônia Paraense: historiografia, desafios e perspectivas*Historia de las Mujeres en la Región Amazónica de Pará: historiografía, desafíos y perspectivas**History of Women in the Amazon Region of Pará: Historiography, challenges and perspectives***Cristina Donza Cancela**

Resumo: O artigo analisa o percurso dos estudos sobre a história das mulheres na Amazônia paraense, destacando os trabalhos iniciais da década de 1980 de caráter interdisciplinar, avançando sobre a década de 1990 e os anos 2000, quando tivemos uma produção mais diretamente ligada ao campo da história, mas ainda produzida em universidades estrangeiras, ou mesmo, em universidades fora do Estado do Pará, com exceção do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), até a produção mais atual encabeçada pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e o Programa Profissional em Ensino de História (ProfHistoria). Segue discutindo a importância da consolidação do campo, com a formação do GT de Estudos de Gênero da ANPUH, seção Pará, e a importância da categoria de gênero para compreender e questionar narrativas historiográficas sobre a Amazônia.

Palavras Chave: História das mulheres. Historiografia. Amazônia. Gênero.

Resumen: El artículo analiza la trayectoria de los estudios sobre la historia de las mujeres en la región amazónica de Pará, destacando el trabajo inicial de la década de 1980 de carácter interdisciplinario, pasando a las décadas de 1990 y 2000, cuando tuvimos una producción más directamente vinculada al campo de la historia, pero todavía producida en universidades extranjeras, o incluso en universidades fuera del Estado de Pará, con excepción del Centro de Estudios Avanzados de la Amazonía (NAEA), hasta la producción más reciente liderada por el Programa de Postgrado en Historia Social de la Amazonía y el Programa Profesional de Enseñanza de la Historia (ProfHistoria). Se continúa discutiendo la importancia de la consolidación del campo, con la formación del Grupo de Trabajo de Estudios de Género de la ANPUH, sección Pará, y la importancia de la categoría de género para comprender y cuestionar las narrativas historiográficas sobre la Amazonía.

Palabras Claves: Historia de las mujeres. Historiografía. Amazonas. Género.

Abstract: The article analyzes the path of studies on the history of women in the Amazon region of Pará, highlighting the initial interdisciplinary work of the 1980s, moving on to the 1990s and 2000s, when we had a production more directly linked to the field of history, but still produced in foreign universities, or even in universities outside the State of Pará, with the exception of the Center for Advanced Amazonian Studies (NAEA), up to the most recent production led by the Postgraduate Program in Social History of the Amazon and the Professional Program in History Teaching (ProfHistoria). It goes on to discuss the importance of the consolidation of the field, with the formation of the Gender Studies Working Group of ANPUH, Pará section, and the importance of the category of gender to understand and question historiographical narratives about the Amazon.

Keywords: History of Women. Historiography. Amazon. Gender

Cristina Donza Cancela – Professora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e da Faculdade de História da UFPA. Bolsista produtividade do CNPQ. Participa do GT de estudos de Gênero da Associação Nacional de História ANPUH/Pará e do Grupo de Pesquisa *População, família, migração e gênero na Amazônia-RUMA/CNPQ*. E-mail: donza6@gmail.com

INTRODUÇÃO

A História das Mulheres tem a década de 1970 como referência. O movimento social que veio das ruas e da organização de mulheres feministas foi fundamental para a criação e o fortalecimento desse campo de estudos na historiografia, a qual já vinha sendo repensada em função das mudanças que ocorriam a partir de perspectivas teóricas diversas. A despeito de suas diferenças, as novas abordagens historiográficas tinham em comum a preocupação com uma história social que levasse em conta os sujeitos, em particular, os populares, anônimos e trabalhadores, compreendendo suas práticas culturais, representações, experiências, diálogos e resistências, abrindo espaço para novas temáticas como os estudos sobre a infância, os escravizados, as mulheres, a sexualidade e a loucura.

Como afirma Capelato, nas décadas de 1970-1980 ocorreram as revisões historiográficas mais significativas, em função das

Novas perspectivas de análise surgidas no campo das ciências humanas no contexto internacional como por questões suscitadas pelo processo de redemocratização que deu ensejo ao surgimento de novos movimentos sociais, políticos e culturais que despertaram o interesse de historiadores brasileiros a se interessar por *novos temas, novos objetos e novas fontes* de pesquisa. (CAPELATO, 2016:23)

Contudo, essas mudanças não chegaram sem resistência ao Brasil. O contexto da ditadura militar, na década de 1970 e início de 1980, reforçava o compromisso da universidade com a luta dos(as) trabalhadores(as) e com a história marxista que se construía como arma política contra o golpe civil-militar e burguês, além de resistência à economia capitalista e ao imperialismo. Nessa conjuntura, a universidade era um espaço de debate e oposição ao regime autoritário. Como nos lembra Vainfas, a ditadura, de algum modo, contribuiu para o fato da Nova História e a Nova História Cultural demorar a se legitimar na academia brasileira, que reforçava a importância da História marxista e de temas como luta de classes, mundo do trabalho e movimento social, em detrimento do que era lido como temas menores ligados à cultura, às questões identitárias, às mulheres, à raça/etnicidade, às sexualidades e à infância associados à Nova História. No entanto, a despeito das resistências, as novas abordagens historiográficas foram sendo introduzidas questionando o conhecimento da História positivista *Événementielle*, que enfatizava os grandes feitos, datas e homens e, ao mesmo tempo, a História generalizante, onde inseriam a marxista, que a tudo explicava pela macroestrutura política e econômica, na qual os sujeitos muitas vezes estavam ausentes. A preocupação das novas abordagens era recuperar a importância da política do cotidiano, das mudanças, da experiência comum dos sujeitos, em particular, dos excluídos.

Ainda segundo, Capelato:

Pouco a pouco, as grandes sínteses produzidas pela macro-história, nas quais os sujeitos estavam ausentes, cederam lugar para análises mais voltadas para a micro-história, história do cotidiano, história social e história cultural levando em conta as experiências dos trabalhadores, dos atores anônimos, dos subalternos e dos grupos minoritários. (CAPELATO, 2016: p.25)

Nesse esteio de abordagem, a historiografia inglesa, por exemplo, apoiada na história social e nos estudos dos trabalhadores e do movimento operário, abriu espaço para outros grupos sociais,

em uma história vista de baixo, encarnada, onde os aspectos socioeconômicos eram pensados em conjunto com a cultura, os símbolos e as representações, não mais entendidas apenas como epifenômenos da economia e do modo de produção (THOMPSON, 1981; 2001). Foi assim, em meio a ascensão de novos temas, grupos sociais e fontes, que as mulheres foram incluídas no conhecimento historiográfico.

Nesse momento inicial da década de 1970 e 1980, os trabalhos que se debruçavam sobre a História das mulheres ainda não utilizavam a categoria gênero na análise, e se atinham a incluir a presença feminina nos acontecimentos, dando visibilidade e denunciando sua exclusão nas narrativas, ou por outra, sua participação enquanto exceção e heroísmo. Contudo, alguns pressupostos da categoria de gênero já podiam ser encontrados nesses trabalhos pioneiros, como a atenção à pluralidade e às diferenças de classe, raça, etnicidade e sexualidade, numa perspectiva que valorizava e politizava o cotidiano, a cultura e o mundo privado. As pesquisas entravam porta adentro das casas e das vidas, numa história encarnada, pautada na história cultural, na nova história política, na micro-história de sujeitos mais ou menos anônimos (RAGO, 1998; MATOS, 2013).

De forma tangencial, as mulheres também ganhavam visibilidade nos estudos preocupados com a macroestrutura social, ou a análise mais geral da população presente nas abordagens da Demografia Histórica. Ao utilizar fontes pouco usuais à época, como os registros vitais, e analisá-las de forma quantitativa e serial, esses trabalhos chegavam à massa da população, levantando o perfil de idade, origem, fluxo, padrões de casamento, natalidade, morbidade e deslocamentos de homens e mulheres com condição social distinta (BASSANEZI, 2009; NADALIN, 2004). Ainda que de forma descritiva, sem necessariamente problematizar as assimetrias de gênero, os estudos demográficos davam suporte para se pensar a experiência feminina.

É importante destacar que a introdução dessas novas temáticas só foi possível pelo uso e valorização de fontes até então pouco utilizadas pela historiografia, como periódicos, processos criminais, processos cíveis, literatura, cartas e diários, que permitiram chegar ao universo dos excluídos e marginalizados, às relações informais e cotidianas dos sujeitos. Mesmo os documentos oficiais eram lidos a *contrapelo*, na feliz expressão utilizada por Benjamim para falar da necessidade de a história estudar os populares, os vencidos, afastando-se da perspectiva laudatória da história positivista e política tradicional (BENJAMIM, 1987).

No entanto, mesmo com o avanço e a densidade teórica dos estudos sobre a história das mulheres, nem sempre o trabalho das intelectuais feministas era bem-visto e legitimado como algo importante à compreensão das formações sociais e da historiografia. Joana Pedro, citando Françoise Thébaud, destaca que a historiografia francesa foi, durante muito tempo, um ofício de homens e “A Escola dos Annales, por exemplo, era uma ‘confraria masculina’, utilizando muitas vezes o trabalho gratuito de mulheres, em geral suas esposas, as quais eram encontradas como estudantes, nos bancos das faculdades” continua afirmando que “poucos historiadores fazem referência a esse trabalho gratuito nos prólogos de seus livros.” (PEDRO, 2011, p: 270).

O final da década de 1980 marcou a chegada da categoria gênero nos estudos de mulher. Ela já vinha sendo empregada em diferentes disciplinas, como a psicanálise, antropologia, sociologia e literatura. No ano de 1986, a historiadora, Joan Scott, publicou na *American Historical Review*, o artigo que viria a sintetizar as discussões de gênero e tornar-se um clássico. No ano de 1990, o trabalho foi publicado no Brasil pela *Revista Educação e Realidade* (SCOTT, 1990). O uso da categoria gênero foi importante para redimensionar não apenas a História das Mulheres, mas o próprio fazer histo-

riográfico, ao evidenciar que as análises, inclusive acadêmicas, estavam permeadas de concepções de masculinidade e feminilidade, pensadas de forma relacional e assimétrica.

Neste sentido, gênero se construía como uma *categoria útil de análise*, como destacou Scott em seu título, pois poderia ser pensada a partir de qualquer temática e objeto, mostrando que a escrita e a historiografia estavam desde sempre marcadas pelas questões de gênero e a problematização dessas marcas era uma questão política. Os estudos de mulher ganhavam um forte aliado para sair da guetificação. Como salientou Margareth Rago:

A risadinha deu espaço à curiosidade e, aos poucos, os antropólogos, historiadores e sociólogos, e não apenas algumas intelectuais, passaram a pensar na importância da sexualização do discurso historiográfico. O feminismo saía do gueto e irradiava seus fluidos mornos e positivos pela academia. (RAGO, 2012, p:51)

No que diz respeito à produção brasileira sobre a História das mulheres, houve a apropriação da categoria de gênero já na década de 1990, e a ampliação das pesquisas na interface com distintos campos temáticos, como nos estudos da escravidão, das populações indígenas, do mundo do trabalho, da história da família, das migrações, do corpo e da sexualidade.

Esses trabalhos alargaram o campo de estudos e problematizavam que não bastava apenas mostrar que as mulheres estavam presentes nos acontecimentos, mas discutir de que forma essa presença redimensionava a teoria da história e os domínios clássicos do saber e do fazer historiográfico, denunciando que esses eram enviesados e elidiam as classificações, hierarquias e assimetrias de gênero, raça e sexualidade.

1. Da Questão Feminina à História das Mulheres no Pará

No Pará, a questão feminina foi inicialmente tratada no campo das ciências sociais. Como nos lembra Álvares:

No Pará, as discussões em torno desse conceito emergiram e tomaram uma linha Regular de questionamentos, a partir da integração de um grupo de pesquisadoras da UFPA ao I Encontro de Pesquisadoras sobre a Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste, promovido pelo NEIM/UFBA, em 1992, em Salvador/BA e que trouxe como saldo positivo também a criação, em 1994, do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre a Mulher e Relações de Gênero – GEPEM –, no CFCH/UFPA, reunindo docentes pesquisadoras e suas bolsistas das diversas áreas interdisciplinares das Ciências Sociais, da Saúde, do Serviço Social, da Educação e das Letras e Artes, quer da UFPA, quer de universidades particulares e estaduais do Pará. (ÁLVARES, 2010: p.14)

Ainda em seu balanço, Álvares reforça que as pesquisas sobre mulheres no Estado do Pará recrudesceram nos anos de 1987 a 1992, englobando temáticas voltadas para as relações de trabalho, sexualidade e participação política. Muitos desses trabalhos foram apresentados nos *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas* nº 12 e nº 13, ou mesmo no *Seminário sobre a Mulher – Região Norte/Brasil*, ocorrido nos anos de 1985 e 1986, coordenado pela professora Jane Felipe Beltrão e financiado pela UFPA e pelo CNPq. Como referi, a maior parte das

pesquisas foi elaborada no veio das Ciências Sociais, embora com diálogos interdisciplinares e, o que é fundamental, a visibilidade e fortalecimento da temática esteve estreitamente ligada à formação de Redes Acadêmicas de Pesquisa, como a REDOR e o financiamento de eventos pelas agências de fomento como o CNPq e a Fundação Carlos Chagas.

Vale aqui destacar a produção de duas pesquisadoras pioneiras na área de estudos sobre a mulher que, embora formadas em História, fizeram suas pesquisas no curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília, com abordagem muito ligada à teoria antropológica, são elas: Maria Angélica Motta-Maués, com a dissertação “Trabalhadeiras” e “Camarados”: um estudo do status das mulheres numa comunidade de pescadores”, defendido em 1977 (MOTTA-MAUÉS, 1977 [1993]); e Jane Felipe Beltrão, “Mulheres da castanha: um estudo sobre trabalho e corpo”, dissertação defendida em 1979 (BELTRÃO, 1979), cujo projeto ganhou o concurso de Dotações da Fundação Carlos Chagas (BELTRÃO, 1982).

Por sua vez, os trabalhos sobre mulheres de caráter mais historiográfico, realizados nas décadas de 1980 e início dos anos de 1990, foram gestados ou no âmbito de Programas de Pós-Graduação localizados fora do Pará ou no curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES), do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia-NAEA, criado em 1977, na UFPA. Dentre estes trabalhos, destaco dois publicados nos *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*: O primeiro, de Leila Mourão Miranda, “A ilusão do poder e o poder da ilusão: a incorporação do trabalho feminina na indústria paraense, 1949-1980” (lembrando que Miranda era formada em História e realizava à época o mestrado no NAEA, defendido em 1987); e o artigo de Rosa Acevedo-Marin, “Trabalho escravo e trabalho feminino no Pará” (Marin tinha graduação em sociologia, mas realizou sua pesquisa no âmbito do doutorado em História e Civilização, na *Ecole des Hautes Études em Sciences Sociales*, na França, em 1985). Um pouco mais à frente, em 1990, Maria Luzia Álvares, graduada em ciências sociais, defendeu sua dissertação de mestrado “Saias, Laços & Ligas: construindo imagens e lutas: Um estudo sobre as formas de participação das mulheres paraenses-1910/1937”, no Programa de mestrado do NAEA (ÁLVARES, 1990), orientada pela socióloga Edna Maria Ramos de Castro, que havia recém-lançado o filme “Marias da castanha” (1987), dirigido por ela e Simone Raskin, sobre as mulheres operárias, desdobramento de sua tese de doutorado em ciências sociais, na *Ecole des Hautes Études em Sciences Sociales*, EHESS, França.

Como referi, além da abordagem interdisciplinar e do diálogo com as ciências sociais, a história das mulheres também dialogou com outros domínios historiográficos, como à Demografia Histórica e à História da família. No caso da Amazônia paraense, essa trajetória não foi diferente. Nessa perspectiva, Barroso destaca quatro trabalhos em particular, realizados já no âmbito de Programas de Pós-Graduação em História, sendo três deles fora do Brasil. É o caso das pesquisas realizadas em universidades americanas por Robin Leslie Anderson, “*Following Curupira Colonization and migrations in Pará, 1758-1930*” (Universidade da Califórnia, Latin America History, 1976); outro por Arlene Kelly- Normand, “*Family, Church and Crown: a social and demographic history of the lower Xingu valley and the municipality of Gurupá, 1623-1889*” (Universidade da Flórida, 1984); e, um terceiro, realizado por Rosa Acevedo Marin, “*Du travail esclave au travail libre: le Para (Brésil) sous le Régime Colonial et sous l'Empire (XVII - XIX siècles)*” (Ecole des Hautes Études em Sciences Sociales, 1985). No mesmo ano, pela *Revista Estudos Econômicos*, Marin publicou “As alianças matrimoniais na alta sociedade paraense no

século XIX.”, trabalho que se tornou referência para pensar a importância dos arranjos matrimoniais e das redes de parentela na formação social e econômica paraense desde o século XVIII ao XIX. Na mesma época, no Brasil, a historiadora Ruth Burlamaqui Moraes, formada pela UFPA, defendeu, na Universidade Federal do Paraná, a dissertação “Transformações demográficas numa economia extrativista-Pará, 1872-1920” (MORAES, 1984 *apud.* BARROSO, 2014: p.56).

Embora as produções acima não estivessem ligadas à História das Mulheres, elas serviram de referência para as pesquisas que se debruçaram mais à frente à essa temática, pois traziam discussões fundamentais aos estudos de população e de família espaços onde as mulheres tinham alguma visibilidade (BARROSO, 2014).

Saindo dos estudos de História da População e de História da Família, e já caminhando para o início da década de 1990, temos a dissertação de Edilza Fontes, defendida na Universidade de Campinas, em 1993. O trabalho “O Pão Nosso de Cada Dia: Trabalho, Indústria da Panificação e Legislação Trabalhista (1938-1954)” (FONTES, 2002 [1993]), mesmo tendo como tema central o mundo do trabalho na perspectiva da história social e da experiência cotidiana dos sujeitos, reservou um capítulo para tratar da presença feminina nas padarias e os problemas de amor, além da discussão sobre o fato da profissão de padeiro ser lida como masculina.

Já no final da década de 1990 e início dos anos 2000, observamos uma produção mais sistemática no campo historiográfico voltada diretamente para os estudos sobre a História das mulheres, atualizada em monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidas por historiadoras e historiadores. Alguns desses trabalhos ocorreram no âmbito de programas de pós-graduação do sudeste do país, ou mesmo nos Cursos de Especialização que começavam a ser criados na UFPA, como o de Antropologia, ofertado nos anos de 1998-1999, tendo contado com a participação de diversos alunos/as egressos da graduação em História da UFPA. Boa parte desses trabalhos já havia incorporado a categoria de gênero na análise e, mesmo aqueles que não a utilizavam, agregavam seus pressupostos, como a preocupação com a não essencialização feminina e a atenção às diferenças de classe social, raça/etnicidade e sexualidade. No rastro da História Social e da preocupação com os excluídos, a maioria se debruçou sobre as mulheres populares e, em relação à temporalidade, predominaram os estudos que tinham o final do século XIX e a primeira metade do século XX como periodização. Um período bem caro à historiografia paraense, fruto de debates importantes sobre a chamada *Belle Époque* (SARGES, 2010). Não é à toa que as pesquisas sobre a história das mulheres acabavam se alinhando à perspectiva que lia a economia da borracha e a *Belle Époque* pela ótica dos excluídos, evidenciando os avanços econômicos, urbanísticos e artísticos sem, contudo, deixar de atentar para as contradições e conflitos desse processo (FIGUEIREDO, 1996; LACERDA, 1997; RTZMANN, 1997; BELTRÃO, 2004; CANCELA, 1997). Afinal, a urbanização, o progresso técnico e a modernização de transportes, equipamentos urbanos, pavimentação de ruas e oferta de serviços chegava de forma diferenciada para as pessoas, variando de acordo com a classe social e o local de moradia. As áreas nobres da cidade foram privilegiadas em detrimento das periféricas, as pessoas livres em detrimento das escravizadas, forras e libertas, as pessoas brancas em detrimento das negras.

Portanto, a produção historiográfica sobre a história das mulheres do final dos anos de 1990 e início dos anos 2000 se alinhou à historiografia dos excluídos, enfatizando as práticas

das mulheres trabalhadoras e discutindo temáticas relacionadas às relações amorosas e os comportamentos sociais e sexuais femininos. Mesmo tendo como escopo a História Social e a História do cotidiano, os estudos também dialogaram com a Antropologia e a perspectiva Foucaultiana acerca da sexualidade, além de incorporarem a categoria de gênero, classe e raça. Aqui se enquadram três dissertações de mestrado defendidas em universidades paulistas. A primeira delas, de minha autoria, “Adoráveis e dissimuladas: As relações amorosas das mulheres das camadas populares (1890-1920)”, onde discuto processos de defloramento e relações de namoro e sexuais (CANCELA, 1997); a segunda, de José Ronaldo Trindade, “Errantes da campina. Belém (1880-1900)” (TRINDADE, 1999), sobre mulheres e prostituição nas ruas de Belém; e a terceira, de Benedita Celeste de Moraes Pinto, “Nas veredas da sobrevivência: Memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados Amazônicos de antigos quilombolas (PINTO, 1999), onde a autora realiza a etnografia histórica de uma área quilombola.

Reforçando o recorte interdisciplinar, no âmbito do curso de especialização em Antropologia, ofertado na UFPA, em 1998-1999, orientei dois trabalhos: o de Maria Patrícia Ferreira, “Violência e sexualidade: um estudo sobre as relações conjugais de pessoas pobres em Belém nas décadas de 1960 e 1970” (FERREIRA, 1999), que mais à frente resultou em sua dissertação de mestrado, também defendida na UNICAMP, “Das pequenas brigas entre casais aos dramas familiares: um estudo sobre a violência doméstica em processos criminais de Belém nas décadas de 1960 e 1970”, na área da Antropologia (FERREIRA, 2002). E o de Ana Lúcia Pantoja, “Estratégias de Sobrevivência: mulheres, trabalho e práticas culturais nas ruas de Belém do Pará (1890-1910)” (PANTOJA, 1999), que também seguiu em frente com a temática, defendendo seu mestrado no NAEA, em 2002, com o trabalho “Mulheres Negras em Belém do Pará: políticas públicas e estratégias de sobrevivência -1890/1910” (PANTOJA, 2002).

Nesse período, o fortalecimento do campo da história das mulheres nacionalmente contribuiu para que historiadores/as que se debruçavam sobre outras temáticas publicassem artigos onde as mulheres apareciam como sujeitos centrais da análise, como foi o caso do trabalho de Franciane Lacerda, que, mesmo inicialmente trabalhando com temas como migração e infância, publicou o artigo “Requerendo passagem para si e sua família: mulheres migrantes no Pará” (LACERDA, 2003); e, ainda, José Maia Bezerra Neto, que, mesmo sendo especialista em História da escravidão, escreveu “O 'Asylo lindo e protetor': práticas e representações sociais sobre a educação feminina - Belém (1870-1888)” (BEZERRA NETO, 1997). E, ainda, que novas temáticas ganhassem espaço como os estudos sobre a mulher na capoeira (PANTOJA & LEAL, 1997) e mulheres em comunidades rurais (PINTO, 1997).

Para a produção da década de 1990 e início dos anos 2000, é fundamental destacar a importância da criação do Grupo de Estudos e Pesquisas "Eneida de Moraes" sobre Mulher e Gênero - GEPEM, no ano de 1994, pela visibilidade que o GEPEM deu à produção local. De caráter interdisciplinar, o GEPEM realizou diversos Encontros Acadêmicos e lançou coletâneas que reuniram trabalhos de pesquisadoras/es de diversas áreas, inclusive da História (ÁLVARES & D'INCAO, 1995; ÁLVARES & SANTOS, 1997; D'INCAO, ÁLVARES, SANTOS, 2001; ÁLVARES, SANTOS & CANCELA, 2009). Além das publicações do GEPEM, tivemos também as coletâneas de caráter historiográfico organizadas por docentes do curso de História da UFPA, que passaram a incluir capítulos sobre estudos de gênero, infância e família para pensar a história e a historiografia da Amazônia (BEZERRA NETO, & GUZMÁN, 2002). O

conjunto dessas coletâneas deu visibilidade à produção local sobre a História das mulheres e da infância na Amazônia paraense, evidenciando a ampliação desse domínio.

Seguindo mais à frente, nos anos 2000, temos uma produção ainda realizada em Programas de Pós-graduação fora do Estado do Pará, com destaque para universidades paulistas e cariocas, em particular, UNICAMP, USP, PUC e UFRJ. Resultado de teses e dissertações, essa produção centrava-se em temáticas relacionadas às relações familiares, às relações conjugais e ao divórcio, não apenas por se tratarem de aspectos do mundo doméstico, onde as mulheres costumam ser naturalmente inseridas, mas por partirem desse universo privado para pensar alianças políticas, formações econômicas e poder político entre as elites, ou mesmo arranjos domésticos e relações não institucionalizadas de conjugalidade dos populares, além de representações sociais e discursos do Estado e da Igreja sobre o casamento, a família e o divórcio. Nesse universo temático, destaco a dissertação de mestrado de Ipojucan Dias Campos “Casamento, divórcio e meretrício em Belém no final do século XIX (1890-1900)” (CAMPOS, 2004), seguida de sua tese de doutorado, “Para além da tradição: casamento, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916-1940)” (CAMPOS, 2009), ambas defendidas na PUC/SP. Na sequência, a dissertação de mestrado de Luciana Marinho, “Muito Além dos Seringais: Elites, Fortunas e Hierarquias no Grão-Pará, c.1850 - c.1870” (BATISTA, 2004), defendida na UFRJ. A tese de doutorado de Benedita Celeste Pinto “Parteira Parteiras, experientes e poções: o dom que se apura pelo encanto da floresta” (PINTO, 2004), defendida na PUC/SP. Minha tese de doutorado, “Casamento e relações familiares na Amazônia, Belém (1870-1920)” (CANCELA, 2006), defendida na USP. E, por fim, a dissertação de Vanessa Spinosa, “Pela navalha cotidiano, moradia e intimidade (Belém, 1930)” (SPINOSA, 2005) defendida na PUC/SP.

No final dos anos 2000, a UFPA, através do então Centro de Filosofia e Ciências Humanas, assinou acordo com a PUC de São Paulo para a realização do Programa de Doutorado Interinstitucional (Dinter) na área de História. Diversos professores da UFPA que atuavam na Faculdade de História e na Escola de Aplicação e que ainda não possuíam doutorado se inscreveram no processo de seleção do programa de doutorado da PUC/SP, o que resultou na formação e capacitação do quadro docente da UFPA e a criação, mais à frente, do curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Dentre as teses defendidas na PUC/SP, duas delas dialogaram com a História das Mulheres. A primeira tese de Conceição Almeida intitulou-se “As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX”. Embora Almeida não tratasse diretamente da temática feminina, escreveu um capítulo onde as experiências das mulheres ganharam destaque, em particular, as mulheres lavadeiras (ALMEIDA, 2010). A segunda tese foi de Eliana Ferreira, “Guerra sem fim: mulheres na trilha do direito à terra e ao destino dos filhos (Pará - 1835-1860)”, na qual a autora analisou as ações e estratégias femininas frente às normas jurídicas no período pós-cabanagem, destacando o protagonismo feminino e a posse de terras (FERREIRA, 2010).

Como venho destacando, o conjunto de trabalhos até aqui referidos foram gestados em Programas de Pós-Graduação em História localizados fora do Estado do Pará. A abertura e o aumento de cursos de pós-graduação no Brasil refletiu diretamente na ampliação da produção historiográfica brasileira. Para se ter uma ideia, saímos na década de 1970 de 9 (nove) Programas de Pós-Graduação em História existentes no Brasil para 26 (vinte e seis), nos anos 2000, e 54

(cinquenta e quatro) em 2010 (FERREIRA, 2016). É nesse contexto de ampliação que surge o Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia - PPHIST, ofertando o curso de mestrado no ano de 2004, e de doutorado, mais à frente, em 2010. Com a abertura do curso, a historiografia sobre a Amazônia paraense se consolidou em densidade teórica e metodológica, fortalecendo antigas temáticas, ampliando o corpo documental, abrindo novos recortes para a compreensão de nossa história.

No campo da História das mulheres não foi diferente, e várias dissertações e teses passaram a ser produzidas no PPHIST. Contudo, é importante destacar que, embora houvesse um aumento de produções nesse campo, as/os pesquisadoras/es não trabalhavam de forma concatenada e as pesquisas se faziam de forma individual, sem a existência de um coletivo – com exceção do GEPEM, que tinha uma organização interdisciplinar. Nacionalmente, havia o Grupo de Trabalho de Gênero da ANPUH, existente desde o ano de 2001. No entanto, localmente, o GT de Gênero da ANPUH, seção Pará, não existia, e só veio a ser criado no ano de 2020, tendo como primeiras coordenadoras Natália Cavalcanti, docente do Instituto Federal do Pará - IFPA e Ana Lígia Nauar, docente da Universidade do Estado do Pará, esta última egressa daqueles primeiros cursos de especialização em antropologia ocorridos em 1998-1999.

Embora recente, já no ano de 2023, o GT de Gênero, seção Pará, organizou uma coletânea onde reuniu diversos trabalhos de pesquisadoras/es de várias gerações, a maior parte delas/es pertencentes ao GT. A obra “História das Mulheres na Amazônia (Pará, século XVIII aos dias atuais)” tornou-se uma referência e uma vitrine da produção local, com artigos que são resultado de teses e dissertações, tendo a participação de egressos do PPHIST e do Prof-História de Ananindeua, além de docentes da Faculdade de História da UFPA (campus Belém e campus Ananindeua), docentes da educação básica e pesquisadoras convidadas de outras áreas.

Assim, a coletânea publicada em 2023 reuniu trabalhos com temáticas diversas, separadas por períodos. Para o período colonial, temos estudos sobre as escravizadas, forras e libertas discutindo questões relativas à escravidão, abolição, lutas e resistências (SILVA & SILVA, 2023); assim como sobre as mulheres da elite, observando trajetórias, casamento e posse de engenhos (VIEIRA JÚNIOR, 2023; SANTOS, 2023).

Para o século XIX, algumas temáticas revisitaram movimentos importantes, como a cabanagem (FERREIRA, 2023), o sufrágismo, a emancipação feminina e o movimento de mulheres (RODRIGUES, 2023; ÁLVARES, 2023; MIRANDA, 2023). As mulheres escravizadas a partir da perspectiva da demografia e da história econômica (BARROSO, 2023), assim como as mulheres da elite da área Tocantina (SILVA, 2023), as mulheres telefonistas (GOMES, 2023), prostitutas (TRINDADE, 2023), as representações de feminilidade no olhar de intelectuais, viajantes e naturalistas (LACERDA & SARGES, 2023) e a imigração feminina portuguesa (CANCELA & TAVARES, 2023).

A maior parte dos artigos, no entanto, concentrou-se no século XXI, onde a história das mulheres foi narrada a partir da experiência quilombola (SODRÉ & GUEDES, 2023), a presença de indígenas mulheres (NAUAR & OLIVEIRA, 2023; FERNANDES, 2023), militantes políticas como Iza Cunha (TEIXEIRA, 2023), o ensino de história (LINHARES & MIRANDA, 2023), o mundo do trabalho e as mulheres horticultoras (MORAES, 2023), ourives (QUINTELA, 2023) e pescadoras (CARDOSO, 2023). As discussões em relação às mulheres

transsexuais e travestis e sua organização política e experiências também fizeram parte da obra que se propôs a pensar as mulheres não do ponto de vista essencialista e biológico, mas em sua pluralidade, atravessadas por diversos marcadores sociais (FRANCO; SILVA FILHO & CAVALCANTI, 2023; CORRÊA, REIS JÚNIOR & LÔBO, 2023; VASCONCELOS, 2023).

A despeito da amplitude da obra e da intensa participação de pesquisadoras ligadas ao GT de Gênero da ANPUH e convidados, vários trabalhos não foram nela contemplados, o que só reforça como a história das mulheres na Amazônia paraense se ampliou e é hoje um campo de estudos consolidado. Dentre os trabalhos existentes que não entraram na coletânea, mas que tratam da experiência feminina, destaco os que discutem a presença das mulheres na capoeira ainda no século XIX, performando essa arte-luta (OLIVEIRA & LEAL, 2009; PASSOS, 2023). A temática da prostituição olhada a partir da política de Estado, política sanitária e da prática de prostitutas estrangeiras (AMADOR, 2022), bem como os estudos sobre sífilis (AMADOR, 2015). As discussões sobre o processo de envelhecimento e suas representações no corpo feminino e masculino (SANTANA, 2024); a biografia de mulheres cientistas como Emília Snethlage (ALBERTO, 2022), mulheres que cometeram crimes (MOREIRA, 2022) ou mesmo mulheres anônimas, cujos diários e a escrita de si permitiram a aproximação com suas vivências (JAIME, 2016). Também ressalto o estudo acerca das mulheres e o saber psiquiátrico no sanatório Juliano Moreira (MONTEIRO, 2024) e mulher, casamento e literatura de cordel (ARAÚJO, 2024) e o sufrágio feminino na imprensa paraense (DEMETRIO, 2023). Mais recentemente, tivemos teses e dissertações que avançaram nos estudos de pessoas trans e sexualidades (NASCIMENTO, 2022; VASCONCELOS, 2022; CASTRO, 2022; BRITO NETO, 2024). Outras dissertações e coletâneas saíram do espaço da capital e pensaram as mulheres, seus corpos, relações de conjugalidade e familiares, em sociedades como Bragança (CAMPOS, 2014; 2017; FIGUEIREDO, 2010; 2012), Vigia (NASCIMENTO, 2016) e Marabá (SILVA & SOUSA, 2019).

As temáticas se multiplicam e, mesmo que não se propondo a fazer discussões no âmbito da História das mulheres, alguns trabalhos historiográficos trataram a experiência feminina em suas análises, reforçando o campo, como é o caso das discussões sobre teatro e sexualidades (NUNES, 2019) e Mulher e moda (MARTINS, 2010).

Gostaria de seguir para o final desse levantamento pontuando a importância da formação do Mestrado Profissional em História de Ananindeua, no ano de 2015, para a abertura da temática feminina no universo da educação e da escola. O ProfHistória tem como objetivo a formação continuada de docentes em História que atuam na educação básica no Estado do Pará e, com essa abordagem, ampliou os trabalhos de ensino de história com temas que discutem feminilidades, masculinidades, sexualidade, sexualidades dissidentes, corpo e infância (MIRANDA, 2018; COSTA, 2020; SANTOS, 2024). Da mesma forma, a criação do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), possibilitou a elaboração de dissertações que trabalham a relação entre gênero, história e educação (ALVES, 2023; GEMAQUE, 2020).

A despeito dos avanços, algumas temáticas ainda precisam ter lugar no campo de estudos. Me refiro aqui aos ainda escassos trabalhos voltados às mulheres lésbicas, bissexuais, religiosas, PCDs, indígenas mulheres e homens trans, masculinidades. Esses são sujeitos e questões com poucos ou nenhum trabalho produzido, sendo ainda um desafio a ser enfrentado pelo campo não apenas no Pará, mas na historiografia nacional (RODRIGUES, VERAS & SCHMIDT, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres na Amazônia paraense, desde os primeiros estudos clássicos das pesquisadoras pioneiras do então Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA na década de 1980 e 1990, se formou atenta às diferenças raciais e de classe das mulheres, quando ainda se falava mais em termos de papéis sexuais e de condição feminina. Os estudos de gênero, no final da década de 1990, mostraram a importância da história das mulheres não apenas para dar visibilidade à experiência feminina, à sua participação na história e sua omissão pela historiografia clássica, mas, principalmente, para mostrar que gênero era e continua sendo uma categoria fundamental para pensar a teoria e a metodologia da história. Se não conseguimos pensar a história e os sujeitos sem levar em conta a classe social, por que seria diferente pensá-los inscritos fora das classificações hierárquicas e assimétricas de gênero, sexualidade, raça e etnicidade? Ao elidir esses marcadores sociais da diferença, a historiografia constrói narrativas obliteradas e com um viés perigoso que nos mata enquanto sujeitos da história, produtoras de conhecimento e protagonistas políticas.

Isso fica evidente em temáticas caras à historiografia. O processo de industrialização do Brasil, durante muito tempo, foi e, em alguns casos, ainda é tratado pelo tripé: industrialização, imigração e mão de obra masculina. O que não se explica nessa narrativa é que a maior parte das fábricas que se desenvolveu nesse período era do ramo têxtil e de alimentos, onde a mão de obra de mulheres negras, brancas, nativas e imigrantes era intensa, se não, em alguns casos, majoritária. Elas não estavam necessariamente nos cargos de gerência das fábricas ou na direção de sindicatos, mas trabalhavam na produção das fábricas e nos movimentos sociais, inclusive participando de greves. Entretanto, a despeito da intensa participação feminina, a industrialização no Brasil da Primeira República continua sendo narrada no tripé: industrialização, imigração e mão de obra masculina. A construção da narrativa historiográfica é política, e daí a importância e a necessidade da ampliação dos estudos sobre a história das mulheres para podermos, com cada vez mais densidade teórica, metodológica e ação política, revisitá-las e recontar essas narrativas. Como todo saber, essas narrativas se constroem como verdades, apagando o lugar de produção do discurso científico, seu potencial, mas também seus limites. Portanto, é necessário questionar certos “fatos históricos” consolidados e evidenciar a sua historicidade e a do saber sobre eles construídos, pontuando as omissões, os silêncios politicamente produzidos como exercícios de poder, dentro e fora da academia. Os trabalhos referidos no levantamento desse artigo nos ajudam no processo de questionar a memória histórica e de mostrar os limites de sua fabricação não apenas no que diz respeito à classificação, hierarquização e opressão de classe dos vencedores, mas também de gênero, raça e sexualidade.

A criação do GT de Gênero da ANPUH-Pará foi fundamental nesse processo ao catalisar as produções sobre a História das mulheres no Pará, permitindo com que nós nos enxergássemos, conhecêssemos nossos trabalhos e tivéssemos a dimensão da nossa produção. A formação e produção de coletivos acadêmicos e políticos como esse precisam ser reforçados, não apenas para acrescentar as mulheres à história, dizendo que elas existem e existiram. Nosso batuque é bem mais barulhento. Não é apenas sobre colocar ele/ela, o/a, historiadores/historiadoras, escravizados/escravizadas (e por aí vai) nos textos. É sobre questionar a própria teoria e a metodologia da história, ao mostrar que gênero, raça, etnicidade e sexualidade não são temas à parte, categorias menores, ou mesmo, adereços que se tira e se coloca na análise historiográfica. Os marcadores sociais da diferença são categorias que refinam nosso olhar sobre a experiência dos sujeitos e não nos deixam invisibilizar aquelas/es que estão fora do poder político hegemônico. Quando a historiografia in-

visibiliza a participação e a experiência feminina em sua pluralidade, elas nos mata politicamente, ela nos apaga enquanto pessoas de direito e de poder. Por isso, coletivos como o GT de Gênero são fundamentais para dar visibilidade às temáticas, questões e organização política acadêmica de mulheres negras, indígenas mulheres, mulheres trans, mulheres LGBTQIAPN+.

Assim como Virginia Woolf precisou matar o fantasma do anjo do lar que representava omissão, docilidade e respeito às convenções sociais – como ela mesma disse, em legítima defesa, se não ele mataria o coração de sua escrita –, precisamos fortalecer nosso campo de estudos e nossos coletivos para transformar narrativas, saberes, “fatos históricos” e lugares de poder solidificados que se constroem como universais na narrativa sobre a história da Amazônia paraense.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Diana Priscila Sá. *Emília Sneathlage e Heloísa Alberto Torres: Gênero, Ciência e Turismo na Amazônia do século XX*. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. *As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX*. 2010. 340 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ALVARES, Luiza Miranda. Retratos de mulheres. In: *Saia, Laços e Ligas: Construindo Imagens e Lutas (Um Estudo Sobre As Formas de Participação Política e Partidária das Mulheres Paraenses – 1910-1937)*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará, 1990.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda & D'INCAO, Maria Ângela (Orgs.). *A mulher existe? uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. 1ed. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1995.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda & SANTOS, Eunice Ferreira. *Desafios de identidade: Espaço/tempo de mulher*. CEJUP: Belém, 1997.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda, D'INCAO, Maria Ângela & SANTOS, Eunice Ferreira. *Mulher e modernidade na Amazônia*. Tomo I e II. Presidente Venceslau: Letras à margem/Belém: GEPEM, 2001.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda, SANTOS, Eunice Ferreira & CANCELA, Cristina Donza. *Mulher e gênero: As faces da diversidade*. vol. 1. Belém: GEPEM, 2009.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. Histórias, saberes, práticas: os estudos sobre mulheres entre as paraenses. *Revista do NUFEN*, v.2, n.º.1, São Paulo, jun. 2010. pp.105-133.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. Sufragismo e emancipacionismo das mulheres paraenses nas décadas de 1920-1930 In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

ALVES, Márcia Pereira da Silva. *Relações de gênero: trajetória de meninas do Ensino Médio Integrado*. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Pará, Belém, 2023.

AMADOR, Luiza Helena Miranda. *“Vergonhosas Saturnais”: a experiência prostibular em Belém do Pará (1900-1945)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

AMADOR, Luiza Helena Miranda. *“Degenerados e contagiantes”: a luta contra sífilis no Pará (1915- 1934)”*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

ANDERSON, Robin. *Following Curupira Colonization and migrations in Pará, 1758-1930*. University of California, USA, 1976.

BASSANEZI, Maria Sílvia. “Os eventos vitais na reconstituição da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tânia Regina de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p.141-171

ARAÚJO, Rayane Freitas. *Laços e rimas: mulher e casamento na literatura de cordel (Belém 1914-1949)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

BARROSO, Daniel de Sousa. História da Família e da População na Amazônia brasileira: percursos historiográficos. In: CICERCHIA, Ricardo; BACELLAR, Carlos; IRIGOYEN, António. (Org.). *Estruturas, Conjunturas e Representações: perspectivas de estudos das formas familiares*. 1ed. Múrcia: EDIT. UM, 2014, v. 1, p. 51-66.

BARROSO, Daniel Souza. Múltiplas no cativeiro: escravidão, reprodução demográfica e mundos do trabalho no Grão-Pará oitocentista. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, c.1850 – c. 1870*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação História Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.

BELTRÃO, Jane Felipe. *Mulheres da Castanha: um estudo sobre trabalho e corpo*. Dissertação. Antropologia. Universidade de Brasília. 1979.

BELTRÃO, Jane Felipe. Mulheres da castanha: Um estudo sobre o trabalho e o corpo. In: BRUSCHINI, Maria Cristina & ROSEMBERG, Flávia (Orgs.) *Trabalhadoras do Brasil*. Fundação Carlos Chagas. Brasiliense, 1982.

BELTRÃO, Jane Felipe (org.) Reconstituindo a História das Mulheres a partir dos Retalhos. *CADERNOS do CFCH*, UFPA, n. 12, 1987.

BELTRÃO, J. F. *Cólera: O flagelo da Belém do Grão-Pará*. Belém: Editora da UFPA/ Goeldi editoração, 2004.

BENJAMIM, Walter - *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. V.01, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZERRA NETO, José Mais. O 'Asylo lindo e protetor': práticas e representações sociais sobre a educação feminina – Belém (1870-1888). In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: 1997.

BEZERRA NETO, José Mais & GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.) *Terra matura: Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Pakatatu, 2002.

BRITO NETO, Pedro Antônio de. *O caso de Klaus Keller: homossexualidades, narrativas populares e a morte pela imprensa paraense (Belém-Pará, 1983-1990)*. Dissertação. Mestrado em História. UFPA, 2024.

- CAMPOS, Ipojucan Dias. *Casamento, divórcio e meretrício em Belém no final do século XIX (1890- 1900)*. (Dissertação) Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2004.
- CAMPOS, Ipojucan Dias (Org.) *Teias de histórias: Famílias, comércio e relações de poder (Bragança entre Império e República)*. Belém: Açáí, 2014.
- CAMPOS, Ipojucan Dias (Org.). *Bragança/PA: Famílias, política e comércio*. Livraria da Física, 2017.
- CAMPOS, Ipojucan Dias. *Para além da tradição: casamento, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916-1940)*. (Tese) Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2009.
- CANCELA, Cristina Donza. *“Adoráveis e dissimuladas”: as relações amorosas e sexuais das mulheres pobres na Belém do final do século XIX e início do XX*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Campinas (UNICAMP), 1997.
- CANCELA, Cristina Donza. Relações familiares em Belém (1890-1940). In: BEZERRA NETO, José Mais & GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.). *Terra matura: Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Pakatatu, 2002.
- CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920)*. Tese (doutorado em História). Universidade de São Paulo (USP), 2006.
- CANCELA, Cristina Donza & TAVARES, Anndrea. Mulheres, imigração portuguesa e gênero (Pará- 1850 a 1930). In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. História do Brasil e revisões historiográficas. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 21-37, jul. 2016.
- CARDOSO, Denise Machado. O trabalho das mulheres na pesca e na produção de massa de caranguejo no norte da Amazônia brasileira. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- CASTRO, Alana Albuquerque de. *Sexualidades dissidentes em prosa: As representações das homossexualidades masculinas e das travestis na década de 1970 nos jornais de Belém/PA*. Dissertação. (Mestrado em História). UFPA, 2022.
- COSTA, Camila Frota da. *As mulheres existem: gênero e teoria feminista na formação da(o) professora(o) de história*. Dissertação (Mestrado Profissional do Ensino de História) - Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020.
- CORRÊA, Lyah Santos, REIS JÚNIOR, Leandro Passarinho e LÔBO, Warlington Luz. Discursividades sobre travestis e transexuais na mídia paraense. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- DEMETRIO, Lediane Araujo Pires. *Oposição conservadora ao sufrágio feminino na imprensa paraense durante o período de 1919 a 1932: análise das narrativas e resistências*. Dissertação. Mestrado em História. UFPA, 2023.
- FERNANDES, Rosani de Fatima. Indígenas mulheres nas Amazônias: resistências e lutas por direitos. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

FERREIRA, Eliana Ramos. *Guerra sem fim: mulheres na trilha do direito à terra e ao destino dos filhos (Pará - 1835-1860)*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Eliana Ramos. As viúvas da cabanagem: trajetórias, lutas e afetos das mulheres em meados do século XIX. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

FERREIRA, Maria Patrícia Corrêa. A perda da honra e seus significados no cotidiano da família negra em Belém: etnografia de um caso (1908). In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda et al. (Org.). *Mulher e Modernidade na Amazônia*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, 1997, v. 1, p. 243-268.

FERREIRA, Maria Patrícia Corrêa. *Violência e sexualidade: um estudo sobre as relações conjugais de pessoas pobres em Belém nas décadas de 1960 e 1970*. Especialização (Antropologia), Universidade Federal do Pará, 1999.

FERREIRA, Marieta. O ensino da História, a formação de professores e a Pós-Graduação. MORAES, Ruth Burlamaqui de. Transformações demográficas numa economia extrativa: Pará(1872-1920). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 21-49, dez. 2016

FERREIRA, Maria Patrícia Corrêa. *Das pequenas brigas entre casais aos dramas familiares: um estudo sobre a violência doméstica em processos criminais de Belém nas décadas de 1960 e 1970*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade de Campinas-UNICAMP, 2002.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. *A Cidade dos encantados: Pajelança, feitiçaria e religiões Afro-Brasileiras. A Constituição de um Campo de Estudo*. Dissertação (Mestrado em História), UNICAMP, São Paulo, 1996.

FIGUEIREDO, Denilma Santos. *Senhoras Donas das Vilas de Bragança e Ourém nos Oitocentos*. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas) - Universidade Federal do Pará, 2010.

FIGUEIREDO, Denilma Santos. *Mulheres Proprietárias Rurais em Bragança: a dinâmica socioeconômica nos inventários oitocentista no Pará*. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2012.

FONTES, Edilza Joana de Oliveira. *O pão nosso de cada dia: trabalhadores e indústria da panificação e a legislação trabalhista (Belém, 1940-1945)*. Belém: Paka -Tatu, 2002 [1993].

FRANCO, José Luiz de Moraes, SILVA FILHO, Milton Ribeiro da e CAVALCANTI, Natália Conceição Silva Barros. Protagonismo de mulheres trans em movimentos sociais no Pará: trajetórias, resistências e luta por visibilidade In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

GEMAQUE, Robelânia dos Santos. *Professora, o que que eu sou? Gênero, sexualidade e trabalho no ensino médio integrado*. 2020. Dissertação (Mestrado em ProfEPT Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Pará, 2020.

GOMES, João Arnaldo Machado. Mulheres na linha: O telefone e o trabalho de telefonistas em Belém (1890-1920). In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

JAIME, Fernanda. *O Diário íntimo e a escrita de si como mulher (1992-1996)* Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

KELLY-NORMAND, Arlene. *Family, Church and Crown: a social and demographic history of the lower Xingu valley and the municipality of Gurupá, 1623-1889*. (PhD. Thesis in History). Florida: University of Florida, 1984

LACERDA, Franciane Gama. *Em busca dos campos perdidos: uma história de trem e cidade*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1997.

LACERDA, Franciane Gama. Infância e imigração no estado do Pará (Final do século XIX, início do XX). In: BEZERRA NETO, José Mais & GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.) *Terra matura: Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Pakatatu, 2002.

LACERDA, Franciane Gama. Requerendo passagem para si e sua família: mulheres migrantes no Pará. In: *Revista Projeto História 27 – Nomadismo, memórias, fronteiras*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Departamento de História da PUC/SP. Jul-Dez. São Paulo: EDUC, 2003. pp.305-320.

LACERDA, Franciane Gama & PESSOA, Alba Barbosa. *História Social da Infância na Amazônia*. Coleção Florestas. PPHIST. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

LACERDA, Franciane Gama & SARGES, Maria de Nazaré. “Entre as quatro melhores cousas do mundo”: gênero e representações femininas na capital do Pará (XIX/XX) In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

LINHARES, Anna Maria Alves & MIRADA, Caroline Barroso ‘Não sou eu uma mulher?’ Ensino de História e (in) visibilidade da História das mulheres no Espaço Escolar. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Alianças Matrimoniais na Alta Sociedade Paraense no Século XIX. *Revistas Estudos Econômicos*, v. 15, 1985.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. *Du travail esclave au travail libre: le Para (Brésil) sous le Régime Colonial et sous l'Empire (XVII - XIX siècles)*. Tese (Doutorado em História e Civilização). École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1985.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Trabalho Escravo e Trabalho Feminino no Pará. *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*, 1987.

MARTINS, Rui Jorge Moraes. *Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. “História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva”. *Mandrágora*, v.19. n. 19, 2013. p. 5-15.

MIRANDA, Caroline Barroso. “De que cor eu sou?” O lugar da menina negra no espaço escolar – um estudo sobre a representação das Mulheres Negras no livro didático de história. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, 2018.

MIRANDA, Leila Mourão. Mulher: Historicidade da Luta Feminina. *Cadernos de Filosofia e Ciências Humanas*, Belém, v. 100, p. 1-110, 1984.

MIRANDA, Leila Mourão. A ilusão do poder e o poder da ilusão: a incorporação do trabalho feminino na indústria paraense, 1949-1980. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 1987.

- MIRANDA, Leila Mourão. Movimentos de mulheres no Pará: Utopia e História (1832-2000). In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- MONTEIRO, Bruno Silva. *Mulheres e trajetórias psiquiátricas: Juliano Moreira (Belém-PA, 1941-1953)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2024.
- MORAES, Marlison Souza. “Ser gay não é fácil, ser umbandista é mega e os dois juntos é bem difícil”: *Afros-religiosidade e Homoafetividade nos Terreiros de Umbanda em Igarapé-Açu/PA*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2024
- MORAES, Ruth Burlamaqui de. *Transformações demográficas numa economia extrativa (Pará, 1872-1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984.
- MORAES, Ieda Palheta. Mulheres horticultoras: Agricultura familiar no Ubiroca em Marituba no Pará. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- MOREIRA, Jessica Maria Pastana. “Beatriz era mais fêmea que mulher”: *feminilidade e masculinidade pela imprensa de Belém (1940)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2022.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. “Trabalhadeiras” e “Camarados”: *Relações de Gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFGA, (Coleção Igarapé) 1993.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. *Trabalhadeiras” e “Camarados”: um estudo do status das mulheres numa comunidade de pescadores*. Dissertação. Antropologia. Universidade de Brasília, 1977.
- NADALIN, Sérgio Odilon. Fontes para uma demografia do passado. In: *História e demografia: elementos para um diálogo*. Vol.1, Campinas/SP, ABEP, 2004.p 25-68.
- NASCIMENTO, José Renato Carneiro. *Relações conjugais e amorosas em Vigia, Pará: códigos, crime e poder (1890-1945)*. Tese História. Universidade do Pará, 2016.
- NASCIMENTO, Júlio Ferro Silva da Cunha. *O diário das trans: a representação de mulheres trans e travestis no Diário do Pará (1980-1990)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- NUNES, Kauan Amora Nunes. *A Nau Queer: uma genealogia da sexualidade no teatro de Luís Otávio Barata (1980-1990)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- OLIVEIRA, Alana Wictória Lima de & PANTOJA, Ana Lídia Nauar. Quando a aldeia é a cidade: mulheres indígenas, trajetórias, experiências e identidades no contexto urbano de Belém do Pará. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- OLIVEIRA, Josivaldo P.; LEAL, Luiz Augusto P. *Capoeira. Identidade e Gênero: Ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- PANTOJA, Ana Lídia Nauar. *Estratégia de sobrevivência: mulheres pobres, trabalho e práticas culturais nas ruas de Belém (1890-1910)*. (Monografia) Especialização em Teoria Antropológica. Belém: UFPA, 1999.
- PANTOJA, Ana Lídia Nauar. *Mulheres Negras em Belém do Pará: políticas públicas e estratégias de sobrevivência -1890/1910*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido), Universidade Federal do Pará, 2002.

- PANTOJA, Leticia Souto; LEAL, Luiz A. Pinheiro. “Das bulhas e vozeiras” a presença de mulheres na capoeira, em Belém do Pará no final do século XIX. *In: ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos. (Org.). Desafios de identidade: espaço tempo de mulher.* Belém: CEJUP: GEPEM: REDOR, 1997
- PASSOS, Lucenilda dos Santos. “*Heroínas da rua*”: a presença de 7 mulheres na capoeira em Belém do Pará (1876-1911). Dissertação (Mestrado em Linguagens e saberes na Amazônia) Universidade Federal do Pará, Bragança, 2023.
- PEDRO, Joana. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, v. 12, n.º. 22, jan.-jun. 2011.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Nas veredas da sobrevivência: Memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados Amazônicos de antigos quilombolas.* Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1999.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. O ‘Fazer-se’ das Mulheres Rurais: a construção da memória e de símbolos de poder feminino em comunidades rurais negras do Tocantins. *In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda & SANTOS, Eunice. Desafios de Identidade: espaço – tempo de mulher.* CEJUP/GEPEM: Redor — Belém, 1997.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Parteiras, experientes e poções: o dom que se apura pelo encanto da floresta.* Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2004.
- QUINTELA, Rosângela. As mulheres protagonistas do polo joalheiro do Pará - redes sociais visíveis e invisíveis, além das vitrines, na produção de joias artesanais. *In: CANCELA, Cristina et. al. História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais).* São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, n.11, Campinas/UNICAMP, pp.89-98, 1998
- RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história: Descobrimo historicamente o gênero.* Espanha CNT-Compostela, 2012.
- RODRIGUES, Bárbara Leal. *Feminismo do extremo norte: trajetórias e reivindicações do Departamento Paraense pelo Progresso Feminino (Belém/PA, 1931–1937).* Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, 2023.
- RODRIGUES, Cassia; VERAS, Elias; SCHMIDT, Benito (orgs.). *Clio sai do armário: Historiografia LGBTQIA+.* São Paulo: Letra e vozes, 2021.
- RODRIGUES, Bárbara Leal. Atuações políticas das feministas paraenses: o Departamento Paraense pelo Progresso Feminino (Belém/PA, 1931-1937). *In: CANCELA, Cristina et. al. História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais).* São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.
- RTZMANN, Iracy de Almeida Gallo. *Belém: cidade miasmática (1878-1900).* Dissertação (mestrado) Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1997.
- SANTANA, Breno dos Santos. *Envelhecimento: corpo, saúde e sexualidade (Belém-PA, 1920-1930).* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.
- SANTOS, Alandienis Souza. “E eu não sou uma professora?” *Ensino de História e narrativas femininas das margaridas e girassóis na educação do campo.* Dissertação (Mestrado em ProfHistória) - Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2024.

SANTOS, Marília Cunha Imbiriba dos. Mulheres, engenho e poder: A trajetória de Francisca Xavier de Siqueira e Queirós na Amazônia colonial. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/Belém: PPHIST, 2023.

SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas Produzindo a Belle Époque*. Belém do Pará (187-1910), Belém: Paka-Tatu, 2010.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez de 1990.

SILVA, Adriane dos Prazeres. A dama dos castanhai: o protagonismo feminino na Amazônia Tocantina (1930- 1961). In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

SILVA, Jerônimo da Silva & SOUSA, Reginaldo Cerqueira (Orgs.). *Gênero e diversidade sexual: Entre histórias, lugares e práticas de liberdade*. Marabá/PA. UNIFESPA, 2019.

SILVA, Marley Antônia Silva da & SILVA, Robervânia de Lima Sá. Mulheres africanas em Belém: Recriando liberdade na primeira metade do século XVIII. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

SODRÉ, Raimunda Conceição & GUEDES, Ana Célia Barbosa. Mulheres quilombolas: tradição oral e saberes afrodiaspóricos no Nordeste Paraense. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

SPINOSA, Vanessa. Casamento e relações conjugais: da convivência à separação (Belém- 1930-1940). In: BEZERRA NETO, José Maia & GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.). *Terra matura: Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Pakatatu, 2002.

SPINOSA, Vanessa. Pela navalha: cotidiano, moradia e intimidade. (Belém 1930). (Dissertação) Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2005.

TEIXEIRA, Sandra Regina Alves. Trajetória de Iza Cunha: Militância política e a questão dos direitos humanos na Amazônia. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

THOMPSON, Edward. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma Crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward. A história visa de baixo. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizado por Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 2001.

TRINDADE, José Ronaldo. *Errantes da Campina*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.

TRIDADE, Ronaldo. Prostituição e biopolítica em Belém (1890-1905). In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

VASCONCELOS, Otto. *Transamazônicas: Memórias, experiências e trajetórias de pessoas trans na segunda metade do século XX*. Tese (Doutorado História) Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

VASCONCELOS, Otto da Silva. Exílio afetivo: a constituição familiar de pessoas trans numa parte da Amazônia brasileira no final do século XX. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio Otaviano & MESQUITA, Flávia Drielle Aguiar. Donas de casa...donas da vida: Casamento e “cabeça da família”, Grão-Pará na década de 1770. In: CANCELA, Cristina et. al. *História das mulheres na Amazônia: (Pará, século XVIII aos dias atuais)*. São Paulo: Livraria da Física/ Belém: PPHIST, 2023.